

*Como citar (APA): Baldassarini, C. R., Bianchini, L. B., Silva, P. H. R. da, Mazer, L. C., Lins, L. C., & Ribeiro, G. A. N da (2026). Autoestima e insatisfação corporal em homens universitários homossexuais e heterossexuais. *Psi Unisc*, 10, Artigo e19476. <http://doi.org/10.17058/psiunisc.v10i.19476>

Tipo de Artigo: Artigos de Pesquisa

Autoestima e insatisfação corporal em homens universitários homossexuais e heterossexuais¹

Autoestima e insatisfacción corporal en varones universitarios homosexuales y heterossexuales

Self-esteem and body dissatisfaction among homosexual and heterosexual male college students

Caíque Rossi Baldassarini

Centro Universitário Barão de Mauá (CBM), Ribeirão Preto - SP/Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2362-9795>
E-mail: caiquerossi95@hotmail.com

Lucas Barros Bianchini

Centro Universitário Barão de Mauá (CBM), Ribeirão Preto - SP/Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9269-3657>
E-mail: lucas.bbianchini05@gmail.com

Pedro Henrique Rodrigues da Silva

Instituto de Psiquiatria (IPq) - Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo (HC/FMUSP), São Paulo - SP/Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0230-7474>
E-mail: pedrojoanabrit@gmail.com

Larissa Cristina Mazer

Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo
(EERP/USP), Ribeirão Preto - SP/Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3774-0750>
E-mail: lcmazer@gmail.com

Lucas Cordeiro Lins

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos - SP/Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1997-2689>
E-mail: lucascordeirolins@gmail.com

¹ Os autores declaram que esta contribuição é um recorte da monografia dos autores Caíque Rossi Baldassarini e Lucas Barros Bianchini (<https://repositorio.baraodemaua.br/handle/123456789/146>). No entanto, assegura-se que a obra não foi publicada em outro periódico científico.



Graziela Aparecida Nogueira de Almeida Ribeiro
Centro Universitário Barão de Mauá (CBM), Ribeirão Preto - SP/Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0824-8206>
E-mail: graziela.nogueira@baraodemaua.br

Resumo

Introdução: Homens em idade universitária enfrentam desafios diversos que podem comprometer sua saúde mental, incluindo dificuldades relacionadas à autoestima e à insatisfação corporal. Evidências apontam que esses fatores tendem a ser mais pronunciados entre pessoas pertencentes a minorias sexuais. Contudo, estudos que comparem esses fenômenos entre homens heterossexuais e homossexuais permanecem escassos. **Objetivos:** Comparar a autoestima e insatisfação corporal entre homens universitários homossexuais e heterossexuais. **Método:** Trata-se de um estudo quantitativo, transversal, observacional e analítico. Participaram 100 homens universitários residentes no estado de São Paulo, sendo 50 homossexuais e 50 heterossexuais, que responderam a um questionário com informações sociodemográficas, orientação sexual, peso e altura; à Escala de Autoestima de Rosenberg e à Escala de Insatisfação Corporal Masculina Versão Reduzida. Na análise de dados, foi empreendida estatística descritiva e os testes t de *Student*, *Mann-Whitney*, qui-quadrado de *Pearson* e correlação de *Spearman*. **Resultados:** Observou-se autoestima insatisfatória na maior parte dos participantes de ambos os grupos, e maior insatisfação com a musculatura entre os homossexuais. Não foi observada correlação entre Índice de Massa Corporal (IMC), autoestima e insatisfação corporal. **Conclusão:** Os achados sugerem que a orientação sexual pode estar associada a padrões específicos de insatisfação corporal, especialmente relacionados à musculatura, ainda que a autoestima não diferencie os grupos, destacando a relevância de considerar fatores sociais e identitários na compreensão da saúde mental dessa população.

Palavras-chave: autoimagem; insatisfação corporal; minorias sexuais e de gênero; homens; estudantes.

Resumen

Introducción: Los hombres en edad universitaria se enfrentan a diversos retos que pueden afectar a su salud mental, entre ellos dificultades relacionadas con la autoestima y la insatisfacción corporal. Las pruebas sugieren que estos factores tienden a ser más pronunciados entre las personas pertenecientes a minorías sexuales. Sin embargo, siguen siendo escasos los estudios que comparan estos fenómenos entre hombres heterossexuales y homosexuales. **Objetivos:** Comparar la autoestima y la insatisfacción corporal entre hombres universitarios homosexuales y heterossexuales. **Método:** Se trata de un estudio cuantitativo, transversal, observacional y analítico. Participaron 100 hombres universitarios residentes en el estado de São Paulo, 50 de ellos homosexuales y 50 heterossexuales, que respondieron a un cuestionario con información sociodemográfica, orientación sexual, peso y altura; a la Escala de Autoestima de Rosenberg y a la Escala de Insatisfacción Corporal Masculina (Versión Reducida). En el análisis de datos, se utilizaron estadísticas descriptivas y las pruebas t de *Student*, *Mann-Whitney*, chi-cuadrado de *Pearson* y correlación de *Spearman*. **Resultados:** Se observó una autoestima insatisfactoria en la mayoría de los participantes de ambos grupos, así como una mayor insatisfacción con la musculatura entre los homosexuales. No se observó ninguna correlación entre el índice de masa corporal (IMC), la autoestima y la insatisfacción corporal. **Conclusión:** Los resultados sugieren que la orientación sexual puede estar asociada a patrones específicos de insatisfacción corporal, especialmente en relación con la musculatura, aunque la autoestima no difiera entre los grupos, lo que pone de relieve la importancia de tener en cuenta factores sociales y de identidad a la hora de comprender la salud mental de esta población.

Palabras-clave: autoimagen; insatisfacción corporal; minorías sexuales y de género; hombres; estudiantes.

Abstract

Introduction: College-aged men face various challenges that can compromise their mental health, including difficulties related to self-esteem and body dissatisfaction. Evidence suggests that these factors tend to be more pronounced among members of sexual minorities. However, studies comparing these phenomena between heterosexual and homosexual men remain scarce.

Objectives: To compare self-esteem and body dissatisfaction among homosexual and heterosexual college-aged men. **Method:** This is a quantitative, cross-sectional, observational, and analytical study. One hundred male college students residing in the state of São Paulo participated, including 50 gay men and 50 straight men, who completed a questionnaire covering sociodemographic information, sexual orientation, weight, and height; the Rosenberg Self-Esteem Scale; and the Short Form of the Male Body Dissatisfaction Scale. Data analysis included descriptive statistics and Student's t-test, Mann-Whitney U test, Pearson's chi-square test, and Spearman's correlation. **Results:** Unsatisfactory self-esteem was observed in most participants in both groups, and greater dissatisfaction with muscle tone was found among homosexuals. No correlation was observed between Body Mass Index (BMI), self-esteem, and body dissatisfaction. **Conclusion:** The findings suggest that sexual orientation may be associated with specific patterns of body dissatisfaction, particularly regarding musculature, even though self-esteem does not differentiate between the groups, highlighting the importance of considering social and identity factors in understanding the mental health of this population.

Keywords: self concept; body dissatisfaction; sexual and gender minorities; men; students.

Introdução

A autoestima pode ser entendida como uma relação de pensamentos e sentimentos, de caráter avaliativo, que resultam em uma inclinação positiva ou negativa a respeito de si mesmo. Sendo assim, se caracteriza por uma manifestação da satisfação ou insatisfação com as circunstâncias experienciadas, e é identificada como um importante preditor de saúde mental (Hutz & Zanon, 2011; Schultheisz & Aprile, 2013). Está relacionada ao desenvolvimento de uma diversidade de condições de saúde mental, desde insatisfação corporal até transtornos do comportamento alimentar, do humor e ansiosos (Bridge et al., 2019; Marrone et al. 2019).

É relevante destacar que a autoestima não é inerte e pode ser alterada à medida em que o indivíduo interage com o meio. Fatores como a qualidade das relações interpessoais, a confirmação parental ao longo do desenvolvimento, questões de gênero e o contexto socioeconômico em que se está inserido desempenham um papel importante na avaliação de si e na construção de uma identidade pessoal (Silva et al. 2019; Taniguchi, 2021).

Ainda no que se refere à avaliação do indivíduo sobre si mesmo, a satisfação corporal, componente afetivo e subjetivo da imagem corporal, tem um papel importante na saúde física e mental da população. À medida que este componente é avaliado cognitivamente como divergente da demanda social, os indivíduos podem apresentar pensamentos, sentimentos e atitudes negativas sobre seu corpo. Este fenômeno é denominado insatisfação corporal, considerada a medida mais importante de estresse relacionado ao corpo (Frederick et al., 2022; Quittkat et al. 2019).

A insatisfação corporal pode flutuar e depender das condições vivenciadas em determinados contextos ao longo do tempo. Circunstâncias como a qualidade da relação com as mídias sociais e com os pares são exemplos de influências sociais na percepção da imagem (Fuller-Tyszkiewicz et al., 2019; Modica, 2020; Taniguchi, 2019). Ainda, estudos apontam que esse fenômeno pode ser vivenciado de maneira diferente a depender de características como idade, gênero, orientação sexual, raça, peso, estado civil e nível socioeconômico, enfatizando que indivíduos pertencentes a grupos minoritários estão expostos a maiores fatores de risco (Bridge et al., 2019; Hazzard et al., 2022; Jones et al., 2019).

Com frequência, pessoas insatisfeitas com sua imagem corporal estão mais propensas ao engajamento em comportamentos alimentares e de controle de peso disfuncionais que, por sua vez, podem culminar no desenvolvimento de transtornos do comportamento alimentar, como anorexia nervosa, bulimia nervosa, transtorno da compulsão alimentar periódica e vigorexia. Além disso, prejuízos no funcionamento social, queda da qualidade de vida e o surgimento de transtornos de humor também estão associados (He et al., 2020; Nagata et al., 2020; Wang et al., 2019).

Historicamente, investigações acerca da insatisfação corporal na população masculina são significativamente menos comuns, sugerindo que apenas a população feminina se preocupa e é afetada pelas consequências da preocupação com a imagem corporal. Contudo, estudos recentes mostram que homens também vivenciam insatisfação com sua aparência física, particularmente em relação à musculatura e/ou peso e, além disso, que aqueles que apresentam insatisfação corporal são mais propensos a reportar sintomatologia depressiva e ansiosa, assim como pior qualidade de vida e autoestima insatisfatória (Frederick et al., 2022).

Na cultura ocidental, o ideal de masculinidade enfatiza que homens devem possuir determinados padrões e estes envolvem, especialmente, características físicas. Ao divergir desse padrão (musculoso, firme e com pouca gordura), esses indivíduos podem apresentar insatisfação corporal e autoestima insatisfatória, o que potencializa o engajamento em comportamentos desadaptativos relacionados à musculação, dietas e ao uso de anabolizantes/esteróides (Cordes et al., 2021).

Para além do recorte de gênero, a orientação sexual desempenha um papel importante no que se refere à saúde mental. Pessoas pertencentes a minorias sexuais estão expostas a

estressores específicos, decorrentes de processos de discriminação, estigma, rejeição por pessoas próximas, abuso físico, homofobia e invalidação pela própria comunidade LGBT, o que é reconhecido como estresse de minoria (Bridge et al., 2022; Meyer, 2003). Considera-se que tais experiências podem ser internalizadas ao longo do tempo, influenciando a construção identitária, a autoavaliação e a percepção de valor pessoal desses indivíduos (Bridge et al., 2022). Nesse sentido, não somente a exposição a eventos discriminatórios, mas o próprio afastamento dos padrões heteronormativos pode, por si só, aumentar a vulnerabilidade dessa população a piores desfechos de saúde mental (Bridge et al., 2019).

Em uma revisão sistemática da literatura, Dahlenburg et al. (2020) encontraram que, em todos os 48 estudos envolvendo homens hetero e homossexuais, estes últimos apresentaram maior sintomatologia de distúrbios de imagem corporal quando comparados ao primeiro grupo. Ademais, alguns autores apontam que homens *gays* insatisfeitos com a imagem corporal estão, inclusive, mais sujeitos a evitar relações sexuais. A auto objetificação e a dificuldade de se engajar em práticas sexuais seguras, como uso constante e adequado de preservativos, também estão associadas à baixa autoestima e à insatisfação corporal, o que aumenta o risco de desfechos negativos à saúde, como infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) (Bhambhani et al., 2019; Gholizadeh et al., 2018; Goedel et al., 2017).

Entre homens estudantes, os anos universitários são considerados um período crítico para a saúde física e mental. As transformações experienciadas na transição para o ensino superior — e concomitantemente, para a vida adulta — exigem adaptação ao novo meio, o que pode resultar em dificuldades para manejar o tempo dedicado ao autocuidado. Frequentemente, estudantes universitários estão suscetíveis a maus hábitos alimentares e de atividade física, assim como a redução da qualidade do sono e ao uso de álcool e outras drogas (Thomas & Warren-Findlow, 2019).

Estudos anteriores apontam que homens em idade universitária podem estar mais propensos à insatisfação corporal quando comparados a homens de outras faixas etárias (Gerrard et al., 2020; Peat et al., 2011). Um estudo longitudinal de quatro décadas realizado no nordeste dos Estados Unidos com homens universitários apontou que seis entre dez estudantes estavam insatisfeitos com o próprio peso. Nesta pesquisa, o desejo de mudar o peso permaneceu estável ao longo de três décadas, e a adoção de dietas ricas em proteínas com o intuito de ganhar músculos aumentou significativamente (Murray et al., 2020).

Klimek et al. (2018), em estudo com 180 universitários do sul da Califórnia, encontraram que participantes com maior internalização do padrão corporal magro e/ou musculoso apresentaram mais sintomas de transtornos alimentares e dismorfia muscular. Além disso, os resultados encontrados por Ouyang et al. (2020) apontaram que homens universitários do oeste da China com Índice de Massa Corporal (IMC) eutrófico apresentaram maiores escores de autoeficácia que aqueles com baixo peso e sobrepeso. Foi constatado, no mesmo estudo, que a percepção positiva da imagem corporal esteve correlacionada à maior participação em esportes, e a autoestima e autoeficácia foram variáveis mediadoras entre a imagem corporal e participação em esportes.

De modo geral, compreende-se que há evidências na literatura sobre a vulnerabilidade da população universitária ao desenvolvimento de insatisfação corporal e autoestima insatisfatória, assim como observam-se diferenças entre homens heterossexuais e homossexuais quanto à experiência de tais fenômenos. No entanto, pesquisas que comparem ambas as populações ainda são escassas, especialmente no contexto brasileiro. Assim, considerando os relevantes impactos que a avaliação negativa sobre si mesmo e sobre o próprio corpo podem ter sobre a saúde mental do estudante, o presente estudo teve como objetivo comparar a autoestima e insatisfação corporal em homens universitários homossexuais e heterossexuais. Buscou-se fornecer embasamento para uma atenção à saúde mental dessa

população de modo mais sensível às suas especificidades, dada a necessidade de maior preparo de profissionais para lidar com a diversidade (Cechin et al., 2020).

2. Metodologia

2.1 Delineamento, população, recrutamento e amostra

Trata-se de um estudo quantitativo, transversal, observacional e analítico. A população consistiu de homens universitários brasileiros heterossexuais e homossexuais residentes no estado de São Paulo. Foram considerados elegíveis somente aqueles com idade entre 18 e 30 anos, de forma a reduzir possíveis diferenças geracionais que pudessem influenciar os fenômenos investigados.

O recrutamento dos participantes foi feito por meio de um convite via redes sociais e comunicação digital (*Facebook*® e *WhatsApp*®), tendo sido elaborado pelos pesquisadores um vídeo e um pequeno texto em que os objetivos e relevância da pesquisa foram explicados de forma clara e sucinta. Esse convite foi enviado para os grupos de *WhatsApp*® e *Facebook*® de instituições de ensino superior paulistas, com o consentimento de seus administradores. Além disso, foram contatados coordenadores de cursos de graduação, que enviaram o convite aos seus alunos. A amostra de conveniência e não probabilística da pesquisa foi composta por 100 participantes, sendo 50 heterossexuais e 50 homossexuais.

2.2 Coleta de dados

A coleta de dados ocorreu entre março e julho de 2021 e foi realizada por meio do *Google Forms*®. Inicialmente, os universitários interessados em participar do estudo tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Aqueles que concordaram em participar indicaram sua concordância em formato eletrônico na plataforma. Em seguida, passaram a responder aos instrumentos descritos a seguir.

Um questionário, elaborado pelos autores para o propósito do estudo, coletou informações sobre os itens idade; orientação sexual; altura autorreferida; peso autorreferido; cor; renda familiar mensal.

Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR) (Rosenberg et al., 1995), adaptada por Dini et al. (2004) e validada para uso com estudantes universitários brasileiros por Hutz e Zanon (2011). Trata-se de um instrumento composto por dez questões a serem respondidas em escala tipo *Likert*, variando de 1 (discordo totalmente) a 4 (concordo fortemente) nos itens 1, 2, 4, 6 e 7, e, com inversão da pontuação, de 1 (concordo totalmente) a 4 (discordo totalmente) nos itens 3, 5, 8, 9 e 10. São somados todos os itens para obtenção do escore total, que varia entre 10 e 40 pontos, sendo que quanto maior a somatória, melhor é considerada a autoestima do respondente. A autoestima é classificada como satisfatória quando o escore na EAR é maior ou igual a 30, e classificada como insatisfatória quando o escore é menor que 30 (Simonetti, 1989). No presente estudo, o alfa de *Cronbach* da EAR foi 0,83.

Escala de Insatisfação Corporal Masculina Versão Reduzida (MBDS Reduzida) (Ochner et al., 2009). Trata-se de uma de uma escala de 12 itens e dois fatores, validada para uso com estudantes universitários brasileiros e portugueses por Silva et al. (2017). Permite a avaliação da insatisfação corporal em dois constructos (subescalas), a saber: Insatisfação com a Aparência Geral (itens 1, 2, 8, 15, 19, 21 e 23) e Insatisfação com a Musculatura (itens 4, 6, 9, 12 e 16). Para apuração dos resultados, utiliza-se as seguintes equações: Escore de Insatisfação com a Aparência Geral = $0,106 \times \text{item 1} + 0,137 \times \text{item 2} + 0,177 \times \text{item 8} + 0,127 \times \text{item 15} + 0,075 \times \text{item 19} + 0,095 \times \text{item 21} + 0,197 \times \text{item 23}$; Escore de Insatisfação com a Musculatura = $0,164 \times \text{item 4} + 0,191 \times \text{item 6} + 0,099 \times \text{item 9} + 0,268 \times \text{item 12} + 0,148 \times \text{item 16}$. Os resultados das equações (escores de cada fator) são classificados conforme segue: 0,1 – 1,3 = Muito baixo; 1,3 – 2,6 = Baixo; 2,6 – 3,8 = Moderado; 3,8 – 5,0 = Alto. Na presente

pesquisa, o alfa de *Cronbach* da subescala Insatisfação com a Musculatura foi 0,85 e da subescala Insatisfação com a Aparência Geral foi 0,86.

2.3 Análise dos dados

O Índice de Massa Corporal (IMC) foi calculado pela divisão da massa corporal em quilogramas pelo quadrado da altura em metros ($IMC = \text{Peso}/\text{Altura}^2$). O IMC é uma avaliação que permite medir e classificar o indivíduo de acordo com os padrões antropométricos de peso e altura, sendo utilizado como indicador do estado nutricional (Anjos, 1992). Para classificar os participantes, foram utilizadas as medidas propostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (1995): $IMC < 18,5 \text{ kg/m}^2$ ("baixo peso"); $18,5 < IMC < 24,9 \text{ kg/m}^2$ ("eutrofia"); $25 \leq IMC < 29,9 \text{ kg/m}^2$ ("sobrepeso"); e $IMC \geq 30,0 \text{ kg/m}^2$ ("obesidade"). Para fins de análise, no presente estudo, o participante foi classificado em "sobrepeso" quando apresentava sobrepeso ou obesidade no cálculo do IMC autorreferido.

As respostas ao questionário e às escalas no *Google Forms*® foram transferidas para uma planilha do *Microsoft Excel*® e, em seguida, ao *software Statistical Package for Social Sciences*® (SPSS) versão 21. Foram calculadas estatísticas descritivas (médias; desvio padrão; máximo e mínimo; frequências) e, para determinar os testes estatísticos a serem realizados na análise inferencial, foi realizado o teste de normalidade de *Shapiro-Wilk* ($p < 0,05$). Variáveis com distribuição normal: IMC (heterossexuais), EAR (ambos os grupos) e Fator Musculatura da MBDS Reduzida (ambos os grupos). Variáveis com distribuição não normal: idade (ambos os grupos), peso (homossexuais), IMC (homossexuais) e Fator Aparência Geral da MBDS Reduzida (ambos os grupos).

Para comparação entre grupos com variáveis numéricas de distribuição normal, foi usado o teste t de *Student* para amostras independentes. Quanto às outras variáveis numéricas de distribuição não normal, foi usado o teste de *Mann-Whitney* para amostras independentes. Quanto às variáveis categóricas, foi usado o teste de qui-quadrado (χ^2) de *Pearson* para avaliar possíveis diferenças entre os grupos. O teste de correlação de *Spearman* foi usado para avaliar a correlação entre IMC e escores nas escalas de autoestima e insatisfação corporal. Foram adotados níveis de significância de 5%.

2.4 Aspectos éticos

Este estudo foi realizado de acordo com as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos que atendem à Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

3. Resultados

Os homossexuais apresentaram média de idade de 23,22 anos (desvio padrão = 3,30) e os heterossexuais de 22,48 anos (desvio padrão = 2,92), não havendo diferença significativa entre as idades dos dois grupos ($U = 1106,0$; $p = 0,318$). A Tabela 1 apresenta as demais características da amostra. Tal como na idade, não foram identificadas diferenças significativas.

Tabela 1*Caracterização do IMC, cor e renda familiar dos participantes, e comparação entre os grupos*

Variável	Classificação	Grupo				Estatística qui-quadrado de <i>Pearson</i>
		Homossexuais		Heterossexuais		
		n	%	n	%	
IMC	Baixo Peso	5	10	2	4	$\chi^2(2, N=100) =$ 2,11; p = 0,348
	Eutrofia	31	62	29	58	
	Sobrepeso	14	28	19	38	
Cor	Branco	35	70	39	78	$\chi^2(3, N=100) =$ 2,216; p = 0,529
	Pardo	12	24	8	16	
	Preto	2	4	3	6	
	Asiático	1	2	0	0	
	Indígena	0	0	0	0	
Renda familiar mensal ^a	0 – 2 salários mínimos	8	16	7	14	$\chi^2(4, N=100) =$ 3,86; p = 0,277
	2 – 4 salários mínimos	14	28	14	28	
	4 – 10 salários mínimos	15	30	18	36	
	10 – 20 salários mínimos	10	20	6	12	
	20 ou mais salários mínimos	3	6	5	10	

Nota. Tabela elaborada pelos autores.^a O salário mínimo no Brasil em 2021 era de R\$1.100,00 por mês.

Como mostra a Tabela 2, os grupos apresentaram uma diferença significativa nos escores do Fator Musculatura da MBDS, com maior média entre os homossexuais.

Tabela 2*Dados descritivos quantitativos das escalas utilizadas, e comparação entre grupos*

Escala	Grupo	Média (Desvio Padrão)	Mínimo - Máximo	Estatística entre grupos
EAR	Homossexuais	28,50 (4,61)	19 - 39	t = 0,08; p = 0,933 ^a
	Heterossexuais	28,42 (4,87)	19 - 39	
MBDS Reduzida Fator Musculatura	Homossexuais	2,70 (1,07)	0,10 - 4,35	t = 2,31; p = 0,023 ^a
	Heterossexuais	2,19 (1,10)	0,11 - 4,35	
MBDS Reduzida Fator Aparência Geral	Homossexuais	1,67 (0,75)	0,20 - 3,58	U = 1418,5; p = 0,245 ^b
	Heterossexuais	1,66 (0,72)	0,69 - 3,93	

Nota. Tabela elaborada pelos autores.

^a Teste t de *Student* para duas amostras independentes.

^b Teste de *Mann-Whitney* para duas amostras independentes.

Quanto às classificações fornecidas pelas escalas utilizadas, conforme indicado na Tabela 3, os grupos apresentaram diferença significativa na classificação dos escores do Fator Musculatura da MBDS Reduzida, com maior proporção de homossexuais com classificações "Moderada" e "Alta" em relação aos heterossexuais.

Tabela 3

Classificação da autoestima, insatisfação com a musculatura e insatisfação com a aparência geral, e comparação entre grupos

Variável	Classificação	Grupo				Estatística qui-quadrado de Pearson
		Homossexuais		Heterossexuais		
		n	%	n	%	
Autoestima (EAR)	Insatisfatória	28	56	28	56	$\chi^2(1, N=100) = 0,00;$ $p = 1$
	Satisfatória	22	44	22	44	
Insatisfação com a Musculatura (MBDS Reduzida)	Muito baixa	5	10	11	22	$\chi^2(3, N=100) = 8,87;$ $p = 0,031$
	Baixa	18	36	26	52	
	Moderada	17	34	7	14	
	Alta	10	20	6	12	
Insatisfação com a Aparência Geral (MBDS Reduzida)	Muito baixa	16	32	20	40	$\chi^2(3, N=100) = 3,06;$ $p = 0,382$
	Baixa	27	54	26	52	
	Moderada	7	14	3	6	
	Alta	0	0	1	2	

Nota. Tabela elaborada pelos autores.

A Tabela 4 mostra a matriz de correlações de *Spearman* entre o IMC, escores na EAR e na MBDS Reduzida (Fatores Musculatura e Aparência Geral) para os homossexuais, e a Tabela 5 para os heterossexuais. A única correlação observada foi uma correlação positiva fraca (Zou et al., 2003) entre os escores do Fator Musculatura e do Fator Aparência Geral da MBDS Reduzida no grupo de heterossexuais.

Tabela 4

Correlação de Spearman entre IMC e escores na EAR e na MBDS Reduzida para o grupo de homossexuais

	IMC	EAR	MBDS Reduzida – Fator Musculatura	MBDS Reduzida – Fator Aparência Geral
IMC	1,000			
EAR	-0,131	1,000		
MBDS Reduzida – Fator Musculatura	0,206	-0,115	1,000	
MBDS Reduzida – Fator Aparência Geral	0,265	-0,240	0,256	1,000

Nota. Tabela elaborada pelos autores.

Tabela 5

Correlação de Spearman entre IMC e escores na EAR e na MBDS Reduzida para o grupo de heterossexuais

	IMC	EAR	MBDS Reduzida – Fator Musculatura	MBDS Reduzida – Fator Aparência Geral
IMC	1,000			
EAR	0,118	1,000		
MBDS Reduzida – Fator Musculatura	-0,036	-0,097	1,000	
MBDS Reduzida – Fator Aparência Geral	0,208	-0,144	0,358*	1,000

Nota. Tabela elaborada pelos autores.

* $p < 0,05$.

4. Discussão

O presente estudo avaliou a autoestima e a insatisfação corporal de homens universitários brasileiros considerando diferentes orientações sexuais. As respostas foram obtidas entre homossexuais e heterossexuais, comparando-as, a fim de identificar possíveis diferenças entre os grupos quanto a essas variáveis.

No que tange às características sociodemográficas da amostra, observou-se média de idade entre 22,48 e 23,22 anos nos dois grupos, considerando heterossexuais e homossexuais respectivamente, com a maior parte dos participantes da cor branca. Tal perfil corrobora os dados referentes a 2021 compilados pelo Instituto Semesp (2023) na 13ª Edição do Mapa do Ensino Superior no Brasil, os quais demonstraram que, no país, a maior parte dos universitários nesse período apresentava idade até 24 anos e era composta por brancos. Quanto à renda, a mesma pesquisa indicou que a maior parcela dos graduandos brasileiros tem renda familiar de 1,5 a três salários mínimos, enquanto, no presente estudo, a renda familiar da maior parte dos respondentes esteve entre quatro e 10 salários mínimos. Tal divergência pode estar relacionada à realização da presente pesquisa somente com graduandos do estado de São Paulo, estado com maior desenvolvimento econômico e produto interno bruto (PIB) da federação (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023), enquanto o Mapa do Ensino Superior considerou também estudantes de outras regiões do país.

Em relação à avaliação da autoestima, a maior parte da amostra apresentou classificação considerada insatisfatória, e não foram observadas diferenças entre os participantes hetero e homossexuais. Tais resultados divergem de estudos prévios que indicaram que homens

heterossexuais apresentam níveis mais elevados de autoestima quando comparados a mulheres heterossexuais e a pessoas lésbicas, gays e bissexuais (LGBs) (Matías & Matud, 2023), e que pessoas LGBs, em comparação a seus pares heterossexuais, têm níveis mais baixos de autoestima (Bridge et al., 2019). Ainda, no que se refere à investigação da associação entre autoestima e insatisfação corporal entre os grupos, a única correlação observada foi uma correlação positiva fraca (Zou et al., 2003) entre os escores do Fator Musculatura e do Fator Aparência Geral da MBDS Reduzida no grupo de heterossexuais. Tal resultado contraria a hipótese inicial do estudo de que haveria uma correlação negativa entre autoestima e insatisfação corporal. Considerando que a autoestima está relacionada a uma série de fatores, como qualidade das relações interpessoais, contexto socioeconômico, impressão que o indivíduo tem de sua vida acadêmica ou carreira, entre outros (Silva, 2019), pode-se inferir que nesse conjunto específico de participantes a satisfação corporal não se estabeleceu, necessariamente, como um dos determinantes principais de sua autoestima.

Compreende-se que, independentemente da orientação sexual, a característica socioeconômica da amostra, composta majoritariamente por homens jovens, brancos e com boa renda, pode ter influenciado a avaliação global de si. É plausível considerar que estudantes de ambos os grupos estejam expostos a pressões sociais relacionadas ao seu desempenho acadêmico, autonomia, sucesso e controle emocional, com frequência ligadas a normas de masculinidade hegemônica, às expectativas de desenvolvimento nessa faixa etária e outras projeções relacionadas à vida universitária (Graner & Cerqueira, 2019; Papalia & Martorell, 2022; Penha et al., 2020). Ambos os grupos vivenciam, por exemplo, expectativas do meio social e cultural de que é necessário alcançar padrões de desempenho e comportamentos associados ao sucesso e ao masculino, como uma carreira profissional profícua, a independência financeira e o adequado gerenciamento das próprias emoções (Graner & Cerqueira, 2019; Penha et al., 2020). Nesse sentido, a internalização de padrões elevados de exigência e autocrítica pode contribuir a uma avaliação mais negativa de si, uma vez que altos níveis de autoexigência têm sido associados a piores indicadores de autoestima em jovens adultos (Bridge et al., 2022). Depreende-se, assim, que tais fatores, vivenciados por ambos os grupos, podem ter influenciado a avaliação insatisfatória dos estudantes sobre si mesmos, e foram mais preponderantes em tal avaliação que os aspectos relacionados à imagem corporal.

Sugere-se que as instituições de ensino superior desenvolvam estratégias de suporte que acolham as demandas específicas desses graduandos. No campo da saúde mental universitária, intervenções baseadas no conhecimento das próprias emoções e formas saudáveis de regulá-las, e ações voltadas à desconstrução de normas rígidas de masculinidade podem ajudar a reduzir os níveis de autocrítica e a pressão por sucesso (Conley et al., 2017; Kilmartin, 2010). Ações práticas, como grupos de apoio terapêutico e oficinas que discutam o impacto das expectativas sociais sobre a autoestima, mostram-se como caminhos viáveis para fortalecer o bem-estar psicológico no ambiente acadêmico (Gomes et al., 2023). Ademais, programas que incentivem a autocompaixão e o manejo do estresse podem atuar como fatores de proteção contra a internalização de padrões de exigência extremos, auxiliando o jovem adulto a reavaliar seu *self* de forma mais saudável (Ferrari et al., 2019; Neff & Germer, 2013).

Nos resultados sobre a insatisfação corporal nos dois grupos, foi observada maior insatisfação com a musculatura entre os homossexuais, corroborando os resultados encontrados em um amplo estudo de revisão de literatura empreendido por He et al. (2020), no qual identificou-se que homens de minorias sexuais apresentam um nível mais alto de insatisfação com seus corpos quando comparados aos homens heterossexuais. A pesquisa apontou que a orientação sexual heterodivergente pode se mostrar um fator de risco em relação à avaliação negativa da imagem, ou seja, a orientação interfere na autoavaliação do indivíduo uma vez que o contexto social reage ao comportamento e à aparência percebidos como fora do padrão

heteronormativo. Ressalta-se que tal padrão, na cultura ocidental, é do corpo atlético e com músculos definidos, e de comportamentos associados à virilidade (Cordes et al., 2021).

O homossexual parece vivenciar maior exigência à sua imagem e comportamentos dada a ideia implícita de que a orientação sexual o desloca a um patamar diferenciado de masculinidade. Historicamente, tende a ser mais estigmatizado e estereotipado como “afeminado”. É comum que sua avaliação, não somente de si mesmo, mas também de potenciais companheiros, seja impactada por expectativas de ideais heteronormativos do masculino, com implicações como a ocorrência de preconceitos dentro do próprio grupo em relação a indivíduos considerados mais femininos e menos viris (Kiebel et al., 2020; Thepsourinthone et al., 2020).

Estudos desenvolvidos por Eccel et al. (2015) e Reis et al. (2022) investigaram as representações sociais de masculinidade especificamente entre homens *gays* brasileiros. Os dados mostraram que, ao buscar aceitação, o homossexual tende a reproduzir o padrão ideal de masculinidade hegemônica. Já França (2010), em pesquisa antropológica com homens *gays* na cidade de São Paulo, observou que a forma como o desejo se organiza nesse grupo também parece ser atravessada por diferentes marcadores sociais, como gênero, classe e aparência, que contribuem para definir quais características são mais valorizadas entre os pares. Há uma tendência à valorização de traços associados à masculinidade, ao mesmo tempo em que expressões percebidas como femininas podem ser evitadas ou desvalorizadas. Estes são estudos importantes que contribuem para a discussão dos resultados encontrados na presente pesquisa na medida em que o grupo de homossexuais se mostrou mais insatisfeito com partes do corpo mais relacionadas à construção corporal masculina vista como ideal: atlética e com músculos bem definidos.

Sabe-se que a imagem corporal é influenciada pelas dinâmicas de interações entre o ser e o meio em que ele vive. O processo de construção da autoimagem está associado às concepções determinantes da cultura e sociedade (Alves et al., 2009). As minorias sexuais podem ser afetadas em seu desenvolvimento de imagem por se situarem à margem do escopo “natural” que é repassado por meio das representações sociais. Com isso, o indivíduo tende a moldar as suas ações em função daquilo que é “normal” e aceitável no seu meio social, na procura incessante de preencher os requisitos exigidos pela cultura à qual pertence (Thepsourinthone et al., 2020).

Nesse contexto, é preciso entender como o fenômeno da homofobia se estabelece como um motor social que molda a subjetividade e a autoimagem de homens *gays*. Segundo Borrillo (2009), a homofobia vai além do preconceito direto; ela funciona como um sistema que dita regras e dá sentidos morais à homossexualidade. Na prática, isso se liga ao sexismo para criar uma hierarquia entre as masculinidades: de um lado, valoriza o que é visto como viril e, de outro, afasta ou diminui tudo o que parece feminino.

Essa dinâmica pode ser compreendida à luz da noção de masculinidade hegemônica proposta por Connell (1995). Nesse modelo, os padrões baseados na força e na virilidade ocupam o topo, enquanto outras formas de vivenciar o masculino acabam em posição inferior. O homem *gay*, então, vive em uma tensão constante com esse ideal, já que muitas vezes é associado a traços que essa hierarquia desvaloriza. Esse lugar de marginalidade acaba forçando uma vigilância maior sobre si mesmo, tornando os critérios de avaliação pessoal, inclusive sobre o corpo e a aparência, muito mais rígidos (Connell, 1995; Prado & Junqueira, 2011).

O modelo de estresse de minorias (Meyer, 2003) ajuda a explicar como essa pressão afeta o psiquismo. Indivíduos de minorias sexuais lidam com estressores crônicos, como o medo da rejeição e a homofobia que o próprio sujeito internaliza. Assim, o preconceito deixa de ser apenas algo externo para influenciar o modo como o indivíduo percebe e julga a própria imagem. Esse quadro favorece sentimentos de inadequação, principalmente em ambientes que reforçam ideais rígidos de masculinidade (Meyer, 2003).

Nesse cenário, buscar um corpo musculoso pode ser uma forma de tentar se aproximar desses padrões dominantes, funcionando como um recurso para conseguir reconhecimento e pertencimento. O desafio maior é que essa busca reforça o apego a ideais muito difíceis de alcançar, o que pode acabar por aumentar a insatisfação com o corpo (Pope et al., 2000). Assim, é possível compreender os achados relativos à maior insatisfação entre homens homossexuais como resultado de como as hierarquias de gênero e o estresse de minorias agem juntos na construção da autoimagem.

Por fim, é necessário olhar para esses resultados considerando a classe social. O perfil da amostra — formada por jovens brancos de maior renda — indica contextos onde o corpo é central para o valor social do indivíduo. Nesses grupos, o investimento em mudanças corporais, como dietas, suplementos e procedimentos estéticos, é mais acessível e costuma ser incentivado (Frederick et al., 2007; Pampel et al., 2010), o que pode intensificar tanto a busca por ideais corporais específicos quanto a insatisfação diante de uma não correspondência. Como aponta Marmot (2005), a posição social define as chances e os comportamentos de saúde. Assim, as pressões da orientação sexual se somam às lógicas de classe, ampliando a centralidade do corpo como critério de avaliação, reconhecimento e aceitação no grupo social em que se está inserido.

Ainda no que tange à busca por mudanças corporais, com a finalidade de aproximar-se do padrão atlético normativo, visto como mais masculino e desejável, a prática de atividades físicas com o objetivo de hipertrofia muscular é comum entre os homossexuais, associando-se não somente à busca por saúde, como também ao desejo de melhorar a percepção referente ao meio, principalmente quanto à atratividade entre os pares (Austen et al., 2022; Fortes et al., 2015; Novak et al., 2023; Nowicki et al., 2022). Sabe-se que o gênero masculino tende a supervalorizar aspectos físicos ao buscar por um parceiro, e, dessa forma, homens que se relacionam com homens, ao se engajarem em comportamentos para atingir o corpo definido como mais desejável, podem estar mais vulneráveis a distúrbios de imagem corporal e alimentares (Varela et al., 2022).

Há evidências que sugerem que homossexuais apresentam maior propensão a se engajar em comportamentos disfuncionais para controle de peso e ganho muscular, como uso de anabolizantes. Ademais, relatam sentir maior pressão social e da mídia para atingir um padrão de corpo mais atrativo, pensam e sentem-se mais julgados pela própria aparência, e apresentam maior tendência a realizar cirurgias plásticas do que homens heterossexuais (Bhambhani et al., 2019; Frederick et al., 2022; Levitan et al., 2019; Smith et al., 2020). Além disso, parte da população *gay* também espera sofrer maior estigma, e pode desejar corpos mais musculosos como forma de se defender da violência, sugerem Badenes-Ribera et al. (2018).

Diante desse quadro, o desenvolvimento de estratégias de intervenção atentas às experiências reais de homens de minorias sexuais mostra-se necessário. Na área da saúde, é relevante que estratégias de cuidado consigam prover atenção à imagem corporal e aos potenciais danos causados pelo estigma e pela homofobia internalizada. Ademais, ações que incentivem um olhar crítico sobre os padrões de beleza podem ajudar a diminuir a aceitação de ideais estéticos irrealistas e, por consequência, reduzir a insatisfação com a própria aparência (Grey et al., 2022; Nowicki et al., 2022).

Além disso, são relevantes investimentos na formação de profissionais de saúde para que saibam lidar com a diversidade sexual de forma sensível, ajudando a quebrar barreiras de acesso e melhorando a qualidade do cuidado. Por fim, iniciativas maiores, que busquem contrapor padrões heteronormativos e promover corpos mais diversos na mídia e nos espaços sociais, podem contribuir à ampliação de ambientes menos estigmatizantes, com consequências positivas à autoavaliação e aceitação (Guest & Daniels, 2026; Stewart & Ogden, 2021).

Ainda que a presente pesquisa traga resultados relevantes à compreensão da autoestima e imagem corporal entre universitários hetero e homossexuais brasileiros, há limitações. Destaca-se a adoção de uma amostra de conveniência e não probabilística, devendo os

resultados encontrados ser interpretados com parcimônia. Ademais, a metodologia transversal não oferece a possibilidade de identificação de causalidade. Os dados de autorrelato foram outra limitação, devido à possibilidade de viés de memória. Há que ter em conta, também, que alguns participantes podem ter fornecido respostas não verossímeis e socialmente desejáveis.

Sugere-se estudos futuros com amostras maiores e probabilísticas, que possam investigar também a associação entre os fenômenos da autoestima e da satisfação corporal entre hetero e homossexuais com fatores intrínsecos às experiências no ensino superior, como o aumento do estresse e sua possível implicação no autocuidado.

5. Considerações Finais

Na comparação entre homens universitários hetero e homossexuais quanto à insatisfação corporal e à autoestima, os homossexuais demonstraram maior insatisfação com seus corpos em relação ao aspecto da musculatura. Tal dado evidencia as pressões vivenciadas por homens *gays* no que se refere à busca por um padrão atlético e musculoso, culturalmente associado à masculinidade e notadamente valorizado entre os pares.

Ambos os grupos demonstraram autoestima considerada insatisfatória, ainda que não tenha sido observada associação com a insatisfação corporal. É possível que as características da amostra, composta por brancos, jovens e de renda acima da média nacional, impliquem em exigências elevadas em relação ao próprio comportamento e padrões de realização e sucesso, impactando de forma negativa a forma como avaliam a si mesmos.

É necessário que instituições de ensino e profissionais de saúde estejam atentos às dificuldades emocionais vivenciadas pelos estudantes. Ações como disponibilização de espaços de escuta e apoio são sugeridas como possibilidades de atenção à saúde mental na graduação, período perpassado por demandas acadêmicas e relacionais diversas. Ademais, mostra-se relevante que a característica de orientação sexual seja considerada, especialmente diante de queixas que estejam associadas à imagem corporal, de forma a melhor qualificar o cuidado oferecido, com sensibilidade às especificidades dessa população.

Referências

- Alves, D., Pinto, M., Alves, S., Mota, A., & Leirós, V. (2009). Cultura e imagem corporal. *Motricidade*, 5(1), 1-20. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/2730/273020559002.pdf>
- Anjos, L. A. (1992). Índice de massa corporal (massa corporal.estatura-2) como indicador do estado nutricional de adultos: revisão da literatura. *Revista de Saúde Pública*, 26(6), 431-436. <https://doi.org/10.1590/S0034-89101992000600009>
- Austen, E., Bonell, S., & Griffiths, S. (2022). Fat is feminine: A qualitative study of how weight stigma is constructed among sexual minority men who use Grindr. *Body image*, 42, 160-172. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2022.06.005>
- Badanes-Ribera, L., Fabris, M. M., & Longobardi, C. (2018). The relationship between internalized homonegativity and body image concerns in sexual minority men: a meta-analysis. *Psychology & Sexuality*, 9(3), 251-268. <https://doi.org/10.1080/19419899.2018.1476905>
- Bhambhani, Y., Flynn, M. K., Kellum, K. K., & Wilson, K. G. (2019). Examining sexual racism and body dissatisfaction among men of color who have sex with men: the moderating role of body image inflexibility. *Body Image*, 28(1), 142-148. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2019.01.007>
- Borrillo, D. (2009). *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Bridge, L., Smith, P., & Rimes, K. A. (2022). Sexual minority young adults' perspectives on how minority stress and other factors negatively affect self-esteem: a qualitative interview study. *International Review of Psychiatry*, 34(3-4), 383-391. <https://doi.org/10.1080/09540261.2022.2051444>
- Bridge, L., Smith, P., & Rimes, K. A. (2019). Sexual orientation differences in the self-esteem of men and women: A systematic review and meta-analysis. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 6(4), 433-446. <https://doi.org/10.1037/sgd0000342>
- Cechin Filipiack, I., & Bonamigo Gaspodini, I. (2020). Políticas Públicas para a população LGBT no Brasil: Revisão de literatura. *Perspectivas Em Psicologia*, 23(2), 40-56. Recuperado de <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/52211>
- Conley, C. S., Durlak, J. A., & Dickson, D. A. (2013). An evaluative review of outcome research on universal mental health promotion and prevention programs for higher education students. *Journal of American college health*, 61(5), 286-301. <https://doi.org/10.1080/07448481.2013.802237>
- Connell, R. W. (1995). *Masculinities*. Berkeley: University of California Press.
- Cordes, M., Vocks, S., & Hartmann, A. S. (2021). Appearance-Related Partner Preferences and Body Image in a German Sample of Homosexual and Heterosexual Women and Men. *Archives of sexual behavior*, 50(8), 3575-3586. <https://doi.org/10.1007/s10508-021-02087-5>
- Dahlenburg, S. C., Gleaves, D. H., Hutchinson, A. D., & Coro, D. G. (2020). Body image disturbance and sexual orientation: An updated systematic review and meta-analysis. *Body image*, 35, 126-141. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2020.08.009>
- Dini, G. M.; Quaresma, M. R.; Ferreira, L. M. (2004). Adaptação Cultural e Validação da Versão Brasileira da Escala de Autoestima de Rosenberg. *Revista Brasileira de Cirurgia*

Plástica, 19(1), 41-52. Recuperado de <http://www.rbcop.org.br/details/322/pt-BR/adaptacao-cultural-e-validacao-da-versao-brasileira-da-escala-de-auto-estima-de-rosenberg>

- Eccel, C. S., Saraiva, L. A. S., Carrieri, A. P. (2015). Masculinidade, autoimagem e preconceito em representações sociais de homossexuais. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 9(1), 1-15. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=441742856002>
- Ferrari, M., Hunt, C., Harrysunker, A., Abbott, M. J., Beath, A. P., & Einstein, D. A. (2019). Self-compassion interventions and psychosocial outcomes: A meta-analysis of RCTs. *Mindfulness*, 10(8), 1455-1473. <https://doi.org/10.1007/s12671-019-01134-6>
- Fortes, L. S., Meireles, J. F. F., Paes, S. T., Dias, F. C., Cipriani, F. M., & Ferreira, M. E. C. (2015). Associação da internalização dos padrões corporais, sintomas depressivos e comportamento alimentar restritivo em jovens do sexo masculino. *Ciência e Saúde Coletiva*, 20(11), 3457-3466. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.00152015>
- França, I. L. (2010). *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: Homossexualidade, consumo e produção de subjetividades na cidade de São Paulo* (Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas). Repositório da Unicamp. <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1611465>
- Frederick, D. A., Buchanan, G. M., Sadehgi-Azar, L., Peplau, L. A., Haselton, M. G., Berezovskaya, A., & Lipinski, R. E. (2007). Desiring the muscular ideal: Men's body satisfaction in the United States, Ukraine, and Ghana. *Psychology of Men & Masculinity*, 8(2), 103-117. <https://doi.org/10.1037/1524-9220.8.2.103>
- Frederick, D. A., Crerand, C. E., Brown, T. A., Perez, M., Best, C. R., Cook-Cottone, C. P., Compte, E. J., Convertino, L., Gordon, A. R., Malcarne, V. L., Nagata, J. M., Parent, M. C., Pennesi, J. L., Pila, E., Rodgers, R. F., Schaefer, L. M., Thompson, J. K., Tylka, T. L., & Murray, S. B. (2022). Demographic predictors of body image satisfaction: The U.S. Body Project I. *Body image*, 41, 17-31. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2022.01.011>
- Fuller-Tyszkiewicz, M., Chhouk J., McCann L. A., Urbina, G., Vuo, H., Krug, I., Ricciardelli, L., Linardon, J., Broadbent, J., Heron, K., Richardson, B. (2019). Appearance comparison and other appearance-related influences on body dissatisfaction in everyday life. *Body Image*, 28, 101-109. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2019.01.002>
- Gerrard, O., Galli, N., Santurri, L., & Franklin, J. (2020). Examining body dissatisfaction in college men through the exploration of appearance anxiety and internalization of the mesomorphic ideal. *Journal of American College Health*, 69(5), 560-566. <https://doi.org/10.1080/07448481.2019.1704412>
- Gholizadeh, S., Rooney, B. M., Merz, E. L., Malcarne, V. L., Safren, S. A., & Blashill, A. J. (2018). Body Image and Condomless Anal Sex Among Sexual Minority Men Living With HIV. *AIDS and Behavior*, 22(2), 658-662. <https://doi.org/10.1007/s10461-017-1763-0>
- Goedel, W. C., Krebs, P., Greene, R. E., & Duncan, D. T. (2017). Associations Between Perceived Weight Status, Body Dissatisfaction, and Self-Objectification on Sexual Sensation Seeking and Sexual Risk Behaviors Among Men Who Have Sex with Men Using Grindr. *Behavioral medicine (Washington, D.C.)*, 43(2), 142-150. <https://doi.org/10.1080/08964289.2015.1121130>
- Gomes, L. M. L. S., Leitão, H. A. L., Santos, K. M. C., & Zanotti, S. V. (2023). Saúde mental na universidade: Ações e intervenções voltadas para os estudantes. *Educação em Revista*, 39, e40310. <https://doi.org/10.1590/0102-469840310>

- Graner, K. M., & Cerqueira, A. T. D. A. R. (2019). Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24, 1327-1346. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017>
- Grey, W., Harris, E. A., & Griffiths, S. (2022). A randomized controlled trial of a brief self-compassion intervention designed to improve the body image of sexual minority men. *Body Image*, 42, 385-400. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2022.07.001>
- Guest, E., & Daniels, E. A. (2026). Beauty, media representations, and body image. In G. Kuipers & O. Sarpila (Eds.), *Handbook of beauty and inequality* (pp. 175-184). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-032-08035-6_13
- Hazzard, V. M., Schaefer, L. M., Kevin Thompson, J., Murray, S. B., & Frederick, D. A. (2022). Measurement invariance of body image measures by age, gender, sexual orientation, race, weight status, and age: The U.S. Body Project I. *Body image*, 41, 97-108. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2022.01.015>
- He, J., Sun, S., Lin, Z., & Fan, X. (2020). Body dissatisfaction and sexual orientations: A quantitative synthesis of 30 years research findings. *Clinical psychology review*, 81, 101896. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2020.101896>
- Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 41-49. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000100005&lng=pt&nrm=iso
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023). *Produto Interno Bruto – PIB*. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>
- Instituto Semesp. (2023). *Mapa do Ensino Superior – 13ª edição / 2023*. Recuperado de <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2023/06/mapa-do-ensino-superior-no-brasil-2023.pdf>
- Jones, C. L., Fowle, J. L., Ilyumzhinova, R., Berona, J., Mbayiwa, K., Goldschmidt, A. B., Bodell, L. P., Stepp, S. D., Hipwell, A. E., & Keenan, K. E. (2019). The relationship between body mass index, body dissatisfaction, and eating pathology in sexual minority women. *The International journal of eating disorders*, 52(6), 730-734. <https://doi.org/10.1002/eat.23072>
- Joyner, K., Manning, W., & Prince, B. (2019). The Qualities of Same-Sex and Different-Sex Couples in Young Adulthood. *Journal of marriage and the family*, 81(2), 487-505. <https://doi.org/10.1111/jomf.12535>
- Kiebel, E., Bosson, J. K., & Caswell, T. A. (2020). Essentialist Beliefs and Sexual Prejudice Toward Feminine Gay Men. *Journal of homosexuality*, 67(8), 1097-1117. <https://doi.org/10.1080/00918369.2019.1603492>
- Kilmartin, C. (2010). *The masculine self* (4th ed.). Sloan Publishing.
- Klimek, P., Murray, S. B., Brown, T., Gonzales, M., & Blashill, A. J. (2018). Thinness and muscularity internalization: Associations with disordered eating and muscle dysmorphia in men. *International Journal of Eating Disorders*, 51, 352-357. <https://doi.org/10.1002/eat.22844>
- Levitan, J., Quinn-Nilas, C., Milhausen, R., & Breuer, R. (2019). The Relationship Between Body Image and Sexual Functioning Among Gay and Bisexual Men. *Journal of homosexuality*, 66(13), 1856-1881. <https://doi.org/10.1080/00918369.2018.1519301>

- Liu, X., Ping, S., & Gao, W. (2019). Changes in Undergraduate Students' Psychological Well-Being as They Experience University Life. *International journal of environmental research and public health*, 16(16), 2864. <https://doi.org/10.3390/ijerph16162864>
- Lopes, F. M., Lessa, R. T., Carvalho, R. A., Reichert, R. A., Andrade, A. L. M., & Micheli, D. (2022). Transtornos mentais comuns em estudantes universitários: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia em Pesquisa*, 16(1), 1-23. <https://dx.doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.31105>
- Marmot, M. (2005). Social determinants of health inequalities. *The Lancet*, 365(9464), 1099-1104. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(05\)71146-6](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(05)71146-6)
- Marrone, D. B. D., Souza, L. K., & Hutz, C. S. (2019). O Uso de Escalas Psicológicas para Avaliar Autoestima. *Aval. Psicol.*, 18(3), 229-239. <https://doi.org/10.15689/ap.2019.1803.15982.02>
- Matias, R., & Matud, M. (2023). Mental symptoms, life satisfaction and sexual orientation: A gender analysis. *Journal of Clinical Medicine*, 12(19), 6366. <https://doi.org/10.3390/jcm12196366>
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129(5), 674-697. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>
- Modica C. A. (2020). The Associations Between Instagram Use, Selfie Activities, Appearance Comparison, and Body Dissatisfaction in Adult Men. *Cyberpsychology, behavior and social networking*, 23(2), 90-99. <https://doi.org/10.1089/cyber.2019.0434>
- Murray, S. B., Brown, T. F., Lavender, J. M., Nagata, J. M., & Keel, P. K. (2020). The evolving nature of weight dissatisfaction and eating behaviors among men: Secular trends among college men across four decades. *Journal of Abnormal Psychology*, 129(8), 824-830. <https://doi.org/10.1037/abn0000587>
- Nagata, J. M., Ganson, K. T., & Austin, S. B. (2020). Emerging trends in eating disorders among sexual and gender minorities. *Current opinion in psychiatry*, 33(6), 562-567. <https://doi.org/10.1097/YCO.0000000000000645>
- Neff, K. D., & Germer, C. K. (2013). A pilot study and randomized controlled trial of the mindful self-compassion program. *Journal of Clinical Psychology*, 69(1), 28-44. <https://doi.org/10.1002/jclp.21923>
- Novak, J. R., August, K. J., Wei, M., Gast, J., & Peak, T. (2023). Examining the link between exercise-specific relational processes and physical activity, psychological distress, and relationship satisfaction among heterosexual and gay male couples. *Journal of health psychology*, 13591053221150351. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/13591053221150351>
- Nowicki, G. P., Marchwinski, B. R., O'Flynn, J. L., Griffiths, S., & Rodgers, R. F. (2022). Body image and associated factors among sexual minority men: A systematic review. *Body image*, 43, 154-169. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2022.08.006>
- Ochner, C. N., Gray, J. A., & Brickner, K. (2009). The development and initial validation of a new measure of male body dissatisfaction. *Eating behaviors*, 10(4), 197-201. <https://doi.org/10.1016/j.eatbeh.2009.06.002>
- Ouyang, Y., Wang, K., Zhang, T., Peng, L., Song, G., & Luo, J. (2020). The Influence of Sports Participation on Body Image, Self-Efficacy, and Self-Esteem in College Students. *Frontiers in psychology*, 10, 3039. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.03039>

- Pampel, F. C., Krueger, P. M., & Denney, J. T. (2010). Socioeconomic disparities in health behaviors. *Annual Review of Sociology*, 36, 349–370. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.012809.102529>
- Papalia, D. E., & Martorell, G. (2022). *Desenvolvimento humano* (14ª ed.). AMGH.
- Peat, C. M., Peyerl, N. L., Ferraro, F. R. & Butler, M. (2011). Age and body image in Caucasian men. *Psychology of men & masculinity*, 12(2), 195-200. Recuperado de <https://psycnet.apa.org/buy/2011-04106-001>
- Penha, J. R. L., Oliveira, C. C., & Mendes, A. V. S. (2020). Saúde mental do estudante universitário: revisão integrativa. *Journal Health NPEPS*, 5(1), 369-395. Recuperado de <https://periodicos2.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/3549>
- Physical status: the use and interpretation of anthropometry. Report of a WHO Expert Committee. (1995). *World Health Organization technical report series*, 854, 1-452.
- Pope, H. G., Phillips, K. A., & Olivardia, R. (2000). *The Adonis complex: The secret crisis of male body obsession*. New York: Free Press.
- Prado, M. A. M., & Junqueira, R. D. (2011). Homofobia, hierarquização e humilhação social. In Venturi, G., & Bokany, V. (Eds.), *Diversidade sexual e homofobia no Brasil* (pp. 51 - 72). Editora Fundação Perseu Abramo.
- Quittkat, H. L., Hartmann, A. S., Düsing, R., Buhlmann, U., & Vocks, S. (2019). Body Dissatisfaction, Importance of Appearance, and Body Appreciation in Men and Women Over the Lifespan. *Frontiers in psychiatry*, 10, 864. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2019.00864>
- Reis, A. F., Ferro, A. F., & Rodrigues, F. M. (2022). “Gosto de homem com jeito de homem”: Configurações do desejo, da atração e da sexualidade na busca pela masculinidade ideal. *RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar*, 3(2), e321192. <https://doi.org/10.47820/recima21.v3i2.1192>
- Rosenberg, M., Schooler, C., Schoenbach, C., & Rosenberg, F. (1995). Global self-esteem and specific self-esteem: Different concepts, different outcomes. *American sociological review*, 60(1), 141-156, 1995. <https://doi.org/10.2307/2096350>
- Schultheisz, T. S. V. & Aprile, M. R. (2013). Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. *Revista Equilibrio Corporal e Saúde*, 5(1), 36-48.
- Silva, D. A. (2019). A autoestima e o comportamento suicida em estudantes universitários: uma revisão da literatura. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (23), e422-e422. <https://doi.org/10.25248/reas.e422.2019>
- Silva, W. R., Marôco, J., Ochner, C. N., & Campos, J. A. D. B. (2017). Male body dissatisfaction scale (MBDS): proposal for a reduced model. *Eating and weight disorders*, 22(3), 515-525. <https://doi.org/10.1007/s40519-017-0420-y>
- Silva, L. P. R., Tucan, A. R. O., Rodrigues, E. L., Del Ré, P. V., Sanches, P. M. A., & Bresan, D. (2019). Insatisfação da imagem corporal e fatores associados: um estudo em jovens estudantes universitários. *Einsten*, 17(4), 1-7. Recuperado de <https://journal.einstein.br/pt-br/article/insatisfacao-da-imagem-corporal-e-fatores-associados-um-estudo-em-jovens-estudantes-universitarios/>
- Simonetti, V. M. M. (1989). *Revisão crítica de algumas escalas psicossociais utilizadas no Brasil* (Dissertação de mestrado). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

- Smith, D. M., Wang, S. B., Carter, M. L., Fox, K. R., & Hooley, J. M. (2020). Longitudinal Predictors of Self-Injurious Thoughts and Behaviours in Sexual and Gender Minority Adolescents. *Journal of Abnormal Psychology, 129*(1), 114-121. <http://dx.doi.org/10.1037/abn0000483.supp>
- Stewart, S. J., & Ogden, J. (2021). The impact of body diversity vs thin-idealistic media messaging on health outcomes: an experimental study. *Psychology, Health & Medicine, 26*(5), 631-643. <https://doi.org/10.1080/13548506.2020.1859565>
- Taniguchi, E. (2021). Role of parental confirmation in body dissatisfaction and body change behaviors among college men. *Journal of American college health, 69*(5), 520-528. <https://doi.org/10.1080/07448481.2019.1684299>
- Thepsourinthone, J., Dune, T., Liamputtong, P., & Arora, A. (2020). The relationship between masculinity and internalized homophobia amongst Australian gay men. *International journal of environmental research and public health, 17*(15), 5475. <https://doi.org/10.3390/ijerph17155475>
- Varela, P. M. R. A., Caperos, J. M., & Gismero-González, E. (2022). Sexual attraction to men as a risk factor for eating disorders: the role of mating expectancies and drive for thinness. *Journal of eating disorders, 10*(1), 52. <https://doi.org/10.1186/s40337-022-00576-z>
- Wang, S. B., Haynos, A. F., Wall, M. M., Chen, C., Eisenberg, M. E., & Neumark-Sztainer, D. (2019). Fifteen-Year Prevalence, Trajectories, and Predictors of Body Dissatisfaction From Adolescence to Middle Adulthood. *Clinical psychological science, 7*(6), 1403-1415. <https://doi.org/10.1177/2167702619859331>
- Zou, K. H., Tuncali, K., & Silverman, S. G. (2003). Correlation and simple linear regression. *Radiology, 227*(3), 617-622. <https://doi.org/10.1148/radiol.2273011499>

Informações complementares

Recebido em: 26/05/2024

Aceito em: 28/04/2026

Publicado em: 19/05/2026

Editoras responsáveis: Dra. Cristiane Davina Redin Freitas, Dra. Leticia Lorenzoni Lasta e Dra. Silvia Virginia Coutinho Areosa.

Autor correspondente: Caíque Rossi Baldassarini.

Email: caiquerossi95@hotmail.com

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há conflitos de interesse.

Financiamento: Não houve recebimento de financiamento/apoio financeiro para o projeto que deu origem a esta publicação.

Contribuição dos autores: Caíque Rossi Baldassarini: Conceitualização, Pesquisa, Metodologia, Redação do manuscrito original e Redação - revisão e edição. Lucas Barros Bianchini: Conceitualização, Pesquisa, Metodologia, Redação do manuscrito original e Redação - revisão e edição. Pedro Henrique Rodrigues da Silva: Análise de dados, Redação do manuscrito original e Redação - revisão e edição. Larissa Cristina Mazer: Redação do manuscrito original e Redação - revisão e edição. Lucas Cordeiro Lins: Redação do manuscrito original e Redação - revisão e edição. Graziela Aparecida Nogueira de Almeida Ribeiro: Conceitualização, Pesquisa, Metodologia, Supervisão, Redação do manuscrito original e Redação - revisão e edição.

Dados dos autores:

- *Caíque Rossi Baldassarini.* Psicólogo graduado pelo Centro Universitário Barão de Mauá (CBM). Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestre em Ciências pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP/USP).

- *Lucas Barros Bianchini.* Psicólogo graduado pelo Centro Universitário Barão de Mauá (CBM). Psicólogo clínico autônomo.

- *Pedro Henrique Rodrigues da Silva.* Físico Médico, Mestre e Doutor em Ciências pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Pós-doutorando no Instituto de Psiquiatria (IPq), Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HC/FMUSP).

- *Larissa Cristina Mazer.* Psicóloga graduada pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Mestre em Ciências pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP/USP).

- *Lucas Cordeiro Lins.* Psicólogo graduado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Psicólogo clínico autônomo.

- *Graziela Aparecida Nogueira de Almeida Ribeiro.* Psicóloga graduada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLR/USP), Mestre em Ciências Médicas pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP/USP) e Doutora em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Especialista em Neuropsicologia pelo Centro de Estudos em Psicologia da Saúde da Divisão de Psicologia do HC/FMUSP (CEPSIC). Docente no curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá (CBM).